

## **Dr. Gary Yates, Livro dos 12, Sessão 22, Miquéias 6:8 e Naum**

© 2024 Gary Yates e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Gary Yates em sua série de palestras sobre o Livro dos 12. Esta é a palestra 22, Miquéias 6:8 e Naum.

Chegamos a um ponto decisivo em nosso estudo do livro dos 12.

Passamos todo o nosso tempo nas palestras até agora olhando para os profetas que Deus levantou durante a crise assíria. A primeira onda de profetas no livro dos 12 são os profetas que você tem Amós, Oséias e Jonas do reino do norte de Israel. Você tem um Micah do reino do sul.

Eles alertam o povo sobre o julgamento que virá nas mãos dos assírios. Mas então temos um grupo de profetas que Deus levanta para preparar o povo e alertar o povo sobre a iminente crise babilônica no século que se segue. Começaremos examinando os profetas que proclamam julgamento sobre outras nações além de Judá, Naum e Obadias.

Antes de fazermos isso, quero dar uma última olhada no livro de Miquéias. A maioria de vocês sabe que há um versículo muito famoso e uma passagem muito famosa em Miquéias capítulo 6, versículo 8, ele lhe disse, velho, o que é bom e o que o Senhor exige de você, senão que pratique justiça e ame a bondade e ande humildemente com o seu Deus. Só não tenho certeza se conseguiria dormir à noite sabendo que ensinamos através dos profetas, e não dei pelo menos uma breve olhada nesta passagem.

Penso que reflete a ênfase e a preocupação dos profetas e da justiça. O que temos na terceira seção de Miquéias, Miquéias capítulo 6, versículos 1 a 8 é novamente um padrão de julgamento e salvação. Em Miquéias 6, Deus lembra a Israel o que ele realmente esperava e exigia deles.

E depois desta passagem, aqui está o que o Senhor exige que você pratique justiça, ame a bondade, ande humildemente com o seu Deus. A realidade que se segue é que Judá não está fazendo isso, e é por isso que o julgamento de Deus acabará por ocorrer. Miquéias dirá no capítulo 7 que os piedosos desapareceram da terra e não há ninguém reto entre a humanidade.

Todos ficam à espreita de sangue e cada um caça o outro com uma rede. Então fazer justiça, amar a misericórdia, andar humildemente diante do seu Deus, isso é o que Deus exigiu e Deus esperava. O que temos na última seção de Miquéias é um reflexo do fato de que não era isso que Judá estava fazendo.

E como resultado disso, o julgamento cairia. As condições na terra são tais que não há justos na terra. Miquéias lamenta e lamenta o julgamento que está por vir à luz do estilo de vida do povo.

Essa é a única opção que resta aí. Mas há também a mensagem de esperança no final do livro de Miquéias de que Deus finalmente agiria. Deus manteria sua aliança com Israel.

Deus os restauraria e perdoaria seus pecados. Agora, o que temos nesta passagem em Miquéias 6, 1 a 8 é o que chamamos, e vimos alguns deles, de um processo de aliança onde Deus levará o povo ao tribunal. O profeta é como o promotor.

Você tem toda essa imagem e cenário desenvolvidos em Miquéias 6. O Senhor vai dizer: levante-se e pleiteie sua coroa, seu processo, seu caso diante das montanhas. Deixe as colinas ouvirem sua voz. Ouça as montanhas, a acusação do Senhor, os fundamentos duradouros da terra.

Assim, as montanhas, os céus e a terra que estavam lá como testemunhas quando Moisés estabeleceu o pacto estão lá para servir como testemunhas nos procedimentos do tribunal. O Senhor lembra ao povo a sua fidelidade para com eles. Ele diz: o que eu fiz com você? Como eu te cansei? Responda ou me dê uma resposta para isso.

E então ele os lembra das maneiras pelas quais demonstrou sua fidelidade a eles. Eu te tirei da terra do Egito. Eu te redimi da casa da escravidão.

Que motivo você tem para não ser fiel às responsabilidades do convênio que coloquei diante de você? Miquéias, capítulo seis, versículos seis a oito, abordará a questão, novamente, o que realmente Deus espera? E a arte na forma como isso é feito é apenas algo que eu gostaria de focar brevemente. O Senhor levanta a questão: O que devo apresentar ao Senhor e como devo me curvar diante de Deus nas alturas? O que é que Deus realmente espera? E lembre-se que uma das respostas que as próprias pessoas nos deram, bem, se simplesmente cumprirmos as nossas responsabilidades de culto e ritual, cumprimos as nossas obrigações. Deus ficará satisfeito conosco.

Deus tem a obrigação de nos abençoar. E assim, o que Miquéias faz para mostrar que essa é uma resposta inadequada é listar uma série de ofertas e sacrifícios que poderiam ser trazidos. E retoricamente, ele lista uma série de ofertas que aumentam progressivamente de valor para mostrar que mesmo as ofertas e sacrifícios mais valiosos que poderiam ser feitos não são, em última análise, a exigência principal que Deus impõe ao povo.

Devo comparecer diante do Senhor com holocaustos, um dos sacrifícios básicos que Israel apresentou a Deus, ou na linha paralela com um animal especialmente valioso com bezerras de um ano de idade ? É realmente isso que Deus quer? A questão retórica levantada. Versículo sete: o Senhor ficará satisfeito com milhares de carneiros ou com 10.000 rios de azeite? Agora estamos imaginando um sacrifício que nenhum israelita poderia realmente oferecer, mas este é o tipo de sacrifício que um rei poderia apresentar, como Salomão fez quando o templo foi dedicado em 1 Reis 8. Se eu pudesse apresentar pelo menos uma oferta que fosse magnífico e caro, o que agradaria a Deus? Então, finalmente, a oferta final ou o sacrifício final, devo dar o meu primogênito pela minha transgressão ou o fruto do meu corpo pelo pecado da minha alma? E se eu desse o tipo de sacrifício valioso de que as religiões pagãs falam na prática? E se eu oferecesse meus próprios filhos? Nenhuma dessas coisas é o que Deus quer e deseja de seu povo.

Os rituais são importantes, mas devem ser acompanhados por um estilo de vida de justiça, fidelidade à aliança, a palavra hesed é a que é usada ali, e caminhar humildemente com o seu Deus. Acredito que a ideia de caminhar humildemente com o seu Deus é colocada no final disso porque se eles adotassem essa postura humilde diante de Deus, isso sempre os lembraria de que precisavam da direção de Deus para liderá-los e guiá-los. Isso os ajudaria a compreender que não podiam abusar da graça de Deus e que tinham que procurar maneiras pelas quais pudessem sempre aumentar sua fidelidade à aliança.

Também lhes lembraria que tinham a responsabilidade de colocar Deus e os outros em primeiro lugar, acima de si mesmos. Portanto, este espírito motivador sobre a importância da justiça e a importância de cuidar dos outros faz parte da mensagem de Miquéias. Acredito que, mais uma vez, quando pensamos em como aplicar os profetas, não sinto como pastor que muitas vezes é meu trabalho pregar sobre políticas políticas específicas, mas é meu trabalho lembrar às pessoas e lembrar às nossas igrejas da nossa responsabilidade de ajudar aqueles que nos rodeiam.

Não preciso me tornar um político para viver Miquéias capítulo seis, versículo oito. Não preciso ser um Martin Luther King ou um William Wilberforce. Posso viver este estilo de vida de justiça simplesmente tratando as pessoas da maneira correta e atendendo às necessidades das pessoas ao meu redor, a quem tenho a oportunidade de ministrar.

Um escritor disse o seguinte: os profetas colocaram diante de nós a questão: viveremos pela justiça ou viveremos uma vida onde simplesmente nos concentraremos apenas em nós? Muitas vezes, na igreja evangélica, perdemos exatamente o chamado que Deus coloca sobre nós para cuidarmos das necessidades dos outros. Podemos analisar como congregações individuais: quem são as pessoas para as quais Deus está nos chamando para ministrar? São minorias desfavorecidas? Existem pessoas em conjuntos habitacionais que não têm pai? É um ministério que

se estende além das fronteiras e limites dos Estados Unidos? Serão os imigrantes que chegam à nossa cidade que talvez necessitem de educação, de recursos ou de ajuda à medida que se adaptam? O que nós, como cristãos, fazemos em relação ao excesso de crianças que são estrangeiros ilegais que entram no nosso país? A nossa tarefa como cristãos não é simplesmente ter a resposta republicana ou a resposta democrática a estas questões, mas permitir que o nosso ethos seja informado pela Bíblia e pela ética do Antigo Testamento. Será que nós, como cristãos ricos, abastados e abastados nos subúrbios, nos preocuparemos com as pessoas, não apenas em outras partes do mundo, mas com as pessoas que vivem no centro da cidade e não têm os recursos que temos? O ethos da justiça no Antigo Testamento não é simplesmente dar às pessoas o que elas merecem.

Em última análise, significa também dar às pessoas o que elas precisam e temos a responsabilidade de fazer isso. Se você estiver interessado em refletir mais sobre isso, recomendo que pense apenas em como integramos os profetas do Antigo Testamento com a ética e os ensinamentos da Torá do Antigo Testamento. David Baker escreveu um livro cujo título é *Punho Apertado ou Mãos Abertas, Riqueza e Pobreza na Lei do Antigo Testamento*.

Nesse livro específico, que é um excelente estudo, Baker concentra-se em como a lei do Antigo Testamento reflecte, no seu contexto e no seu ambiente do antigo Oriente Próximo, uma perspectiva distinta sobre a necessidade de preocupação com aqueles que são pobres e necessitam de viúvas e órfãos. Há uma mensagem distinta na lei do Antigo Testamento sobre essas coisas. Muitas vezes ouvimos hoje que a lei mosaica ou a lei de Moisés é simplesmente outro antigo código de leis do Oriente Próximo.

Às vezes, quando somos expostos pela primeira vez a esses códigos legais e talvez lemos a lei mosaica, parece que, uau, a lei mosaica se parece exatamente com esses outros códigos legais. Posso pegar prescrições da lei mosaica e parece algo do código de Hamurabi. Mas o que Baker demonstra é que existem perspectivas únicas na lei que não são verdadeiras em relação a estes outros códigos legais que reflectem o espírito de preocupação com os pobres e com a justiça.

Penso que isto reflecte o carácter distintivo da lei mosaica, e precisamos de estar atentos a isso. Vou apenas mencionar algumas coisas sobre as quais ele fala. Ele diz, em primeiro lugar, que as penalidades por violação dos direitos de propriedade na Bíblia são muito mais humanas do que em outros lugares, e nunca envolvem mutilação, espancamento ou morte, que é o que você vê nesses outros códigos legais.

As mesmas regras também se aplicam a todos, e a punição não depende do status ou da riqueza do ladrão ou da vítima. Uma segunda coisa, de acordo com a lei do Antigo Testamento, a terra ancestral é um presente de Deus ao seu povo escolhido e é

distribuída equitativamente a cada um deles. A antiga lei da Babilônia e da Síria Central afirma que a terra ancestral pertence ao rei.

Na lei do Antigo Testamento, a escravidão é limitada aos não-israelitas, e a lei fornece proteção significativa aos escravos. Os escravos fugitivos devem receber asilo e os escravos têm direito a férias. Noutros códigos legais do antigo Oriente Próximo, os escravos estão sujeitos à lei de propriedade, que se concentra nos direitos dos proprietários de escravos sobre as suas propriedades.

Existem outras características distintivas da lei do Antigo Testamento relativas aos semi-escravos. Aos escravos temporários é dada a opção de se tornarem membros permanentes da família no final do seu serviço. O trabalho forçado por um período limitado era outra forma de saldar dívidas e era, na verdade, uma possibilidade realista em Israel, e não em algumas dessas outras culturas, por causa da política do Antigo Testamento de empréstimos sem juros.

As elevadas taxas de juros noutras culturas significavam que o trabalhador apenas cobria os seus pagamentos de juros e provavelmente permaneceria em servidão para toda a vida. A lei bíblica também proporciona uma medida de proteção às concubinas que lhes confere alguns dos direitos de uma esposa ou de uma filha, e a bondade para com as concubinas contrasta com a forma utilitarista como são tratadas na Mesopotâmia. A proteção das pessoas vulneráveis no Antigo Testamento é considerada a vontade divina e uma responsabilidade real.

Isto é verdade em todo o antigo Oriente Próximo, mas a lei do Antigo Testamento está especificamente mais preocupada em garantir que as viúvas e os órfãos não sejam abusados ou explorados em tribunais ou em negociações financeiras. Esse é outro aspecto distintivo. A lei bíblica tem ênfases distintas em relação a ações judiciais justas.

O princípio da imparcialidade pode ter sido assumido em outro lugar, mas está explicitamente declarado no Antigo Testamento. Mais dois e então resolveremos tudo. A ideia de que os produtos agrícolas são um dom de Deus ao povo significa que devem ser partilhados com todos e isto é uma característica distintiva do Antigo Testamento.

Isto se reflete de maneiras específicas nas leis do ano sabático, no dízimo trienal e no princípio da respiga. As leis bíblicas sobre a coleta não têm paralelo em nenhum outro lugar. Em outras partes do antigo Oriente Próximo, o seguinte ocorre por motivos agrícolas, e os dízimos são pagos ao templo ou ao palácio, mas nenhuma dessas práticas é designada como bem-estar social.

Finalmente, a lei do Antigo Testamento sobre termos e condições de emprego não tem paralelo nas outras coleções de leis. O conceito de sábado é único no antigo

Oriente Próximo, especialmente na sua ênfase de que o descanso e a recreação regulares são um direito fundamental para todos. E assim, se você quiser entender o coração de Deus e a preocupação de Deus com os pobres e necessitados, então olhe para o Antigo Testamento e passe algum tempo refletindo sobre como a mensagem dos profetas e a mensagem da Torá se alinham e enfatizam isso.

Acho que isso mudará a maneira como olhamos para os pobres e necessitados que estão em nossas vidas. Agora quero sair do livro de Miquéias e agora vamos olhar para a profecia de Naum. Acabamos de falar sobre um Deus que é compassivo e preocupado com os pobres e necessitados.

Agora , veremos um quadro muito diferente porque estamos falando de um Deus que trará violência, julgamento e destruição sobre os ninivitas. Podemos começar pensando apenas em Nahum. Naum é a contrapartida profética do livro de Jonas.

No livro de Jonas, Deus poupa os ninivitas, mas agora, 150 anos depois, Deus irá realizar o julgamento dos ninivitas. A violência e a forma como Deus usa a violência humana neste livro é algo que incomodou particularmente os comentaristas recentes do livro. Acho que é um livro com o qual devemos lutar e refletir sobre o dilema ético que existe.

Mas um escritor chamado RA Mason diz isto, e diz: será que algum de nós alguma vez terá a coragem de admitir num comentário popular que o livro de Nahum é realmente uma vergonha para as duas comunidades religiosas de cujas escrituras canônicas está escrito? constitui uma parte tão indesejável? Acho que ele meio que reflete o que sente sobre o livro. Outras pessoas falaram sobre a arte literária do livro de Nahum e comentaram que, bem, pelo menos é um livro ruim, mas está bem escrito. Quero que tenhamos uma perspectiva totalmente diferente sobre este livro.

Deveríamos estar preocupados com a violência que existe. Existem algumas questões éticas e dilemas e coisas sobre Deus e violência e guerra e todas essas coisas que precisam ser levantadas. Mas quero que o leiamos e abordemos o livro como leitores fiéis do texto que acreditam que existe esta mensagem perturbadora de que Deus às vezes usa a violência dos exércitos humanos para executar justiça imperfeita num mundo caído.

Mas o mistério é que podemos confiar em Deus para, em última análise, fazer isso e fazê-lo de uma forma que seja boa, justa e justa, mesmo quando não entendemos os seus métodos. Acreditamos que existe um Deus que, em última análise, consertará todas as coisas. Acreditamos que existe um Deus que, em última análise, irá reparar as injustiças e a violência que foram cometidas ao longo da história humana.

E o facto de o século XX ter sido o século mais violento que a humanidade alguma vez viveu. Acho que essa mensagem de esperança e encorajamento está aí.

Entendemos que assim como Deus executa vingança contra os ninivitas, a vingança de Deus não é a mesma coisa que a vingança dos seres humanos.

Embora Deus muitas vezes usasse exércitos humanos, ele usou os babilônios e os assírios para punir o seu próprio povo. Em última análise, ele usará os babilônios para punir os assírios e usará os persas para punir os babilônios. Embora Deus use essas nações, ele permanece separado do mal que elas cometem.

Deus é, em última análise, soberano, então ele os usa para cumprir seus propósitos. Mas acreditamos que as escrituras nos ensinam que Deus faz isso sem de forma alguma se juntar e participar do mal deles. Agora, enquanto Naum se concentra na destruição de Nínive, devemos compreender que isto não é simplesmente uma expressão de raiva nacionalista por parte do povo de Judá contra os seus inimigos.

Às vezes, leio os oráculos contra as nações e os profetas, e isso me lembra uma reunião do ensino médio durante a semana do regresso a casa. Preparamos as tropas porque vamos sair e vamos lutar contra o inimigo. Mas estes livros não foram escritos para expressar ódio, raiva ou vingança contra estas nações.

Em última análise, dá-nos a esperança de que um Deus santo consertará as coisas e, por fim, trará a libertação do seu povo. Muitas pessoas lutaram com o Deus violento do livro de Naum ou com a violência do livro de Naum. Mas quero sugerir-nos que um dilema maior e um problema maior surgirão para nós se tivermos um Deus que nunca aborda a violência e a injustiça e as coisas que impérios perversos como os assírios fazem.

Se Deus nunca aborda isso, então Deus é verdadeiramente um monstro moral. A severidade do julgamento encontrado no livro de Naum reflete a gravidade dos crimes que os ninivitas cometeram. E por último, apenas para fornecer um pano de fundo para isso, este livro não foi projetado para fornecer uma racionalização para o povo de Deus executar vingança, violência ou justiça contra seus inimigos.

É falar de algo que Deus fará e que Deus realizará. Assim, com esse tipo de advertências e entendimentos em mente e apenas reconhecendo o fato de que este é um livro difícil, gostaria que o considerássemos como a expressão do julgamento que um Deus santo, que é um Deus de amor, que é um Deus de perfeita justiça, o julgamento justo que Deus executará sobre aqueles que perpetrarem o tipo de violência e opressão que foi refletido pelos exércitos assírios. Agora, quando e por que Deus julga nações individuais é uma questão da soberania de Deus.

Muitas vezes não entendemos o momento em que isso acontece, mas acho que a mensagem duradoura deste livro é que Deus está dizendo que o Senhor irá julgar. Vou julgar os ninivitas pelas suas atrocidades e pela sua opressão, especialmente pelas atrocidades que cometeram contra o povo de Israel. É um lembrete para nós

de que Deus promete que, no final das contas, trará esse tipo de julgamento contra todos os seus inimigos.

Os oráculos contra as nações nos profetas não são apenas lições de história, mas são um lembrete para nós de que Deus julgará todas as nações e todos os povos. Agora, falamos sobre o fato de Naum ser a contraparte profética do livro de Jonas. Então, quero apenas fazer algumas breves comparações sobre Jonas ou entre Jonas e Nahum.

De 775 a 760 no século VIII, Jonas vai para Nínive. Ele prega lá e Nínive é poupada do julgamento. A palavra ra'ah e mal é uma parte importante do que Deus está fazendo ali.

Deus ordena que Jonas vá para Nínive por causa do grande mal que cometeram. Esse grande mal surgiu diante dele. Deus, como juiz, está ciente dessas coisas.

As nações da terra, não apenas Israel e Judá, são responsáveis e prestam contas a Deus. Mas no capítulo três, o que vemos é que quando Jonas prega esta mensagem, os ninivitas se arrependem ou se afastam do seu mal, da sua ra'ah, e como resultado disso, Deus cede. Sabemos historicamente que os ninivitas regressaram aos seus modos violentos, imperialistas e militarmente dominadores pouco depois disto.

Na verdade, qualquer que seja o arrependimento ocorrido durante os dias de Jonas, dificilmente parece ser mais do que uma onda no lago. Que efeito duradouro isso teve? Nós não sabemos. Em 745, Tiglate-Pileser estabeleceu o Império Neo-Assírio e infligirá grande violência a Israel, Judá e outras nações durante esse período.

Então, eles se arrependem de seu mal. Eles rapidamente retornam ao seu mal. E assim, em 612, a cidade de Nínive será derrubada e destruída no julgamento.

Deus vai usar o exército babilônico para conseguir isso. Mas a razão para isso é que eles retornaram ao seu mal, à sua ra'ah. O capítulo 1, versículo 11 diz o seguinte: de você veio aquele que planejou o mal contra o Senhor, um conselheiro inútil.

Então, aquilo de que eles se arrependeram e que trouxe a misericórdia de Deus no livro de Jonas é, em última análise, o que vai, quando eles retornarem a isso, as advertências de Nínive serem destruídas, isso vai voltar a ter efeito e o julgamento vai cair. O último versículo de Naum capítulo 3, o último versículo do livro, não há como aliviar sua dor, sua ferida é grave, falando sobre o julgamento que virá sobre os ninivitas. Todos os que ouvirem as notícias sobre você baterão palmas sobre você, pois sobre quem não veio sua ra'ah incessante, seu mal incessante.

Então, eles se arrependeram daquele mal do livro de Jonas, foram poupados do julgamento. Eles rapidamente retornaram a esse mal. O facto de Deus ter esperado



150 anos para os julgar e destruir é em si um reflexo da sua contínua misericórdia e compaixão.

Mas esse mal deve ser corrigido e corrigido. Tudo bem. Agora, outra comparação específica entre o livro de Jonas e o livro de Naum é que ambos os profetas vão aludir e fazer referência à confissão sobre Deus que se encontra em Êxodo capítulo 34 versículos 6 e 7. Jonas, por que eu não queria ir para Nínive? Eu sei que você é um Deus compassivo e gracioso, lento para se irar, perdoadando pecados e cedendo ao mal.

Tudo bem. Essa passagem nessa confissão também se tornará a base do julgamento de Deus no capítulo inicial de Naum. Porque a segunda parte dessa confissão em Êxodo 34.7 é que Deus não desculpa os culpados e, em última análise, os responsabiliza por seus pecados.

E assim, da mesma forma que Jonas alude a esta confissão, Naum também faz o mesmo. Aqui está o que diz no capítulo 1 versículo 2. O Senhor é um Deus zeloso e vingador. Ele tem o direito de fazer isso porque é um Deus santo.

A vingança divina não é a mesma coisa que a vingança humana. Paulo deixa isso claro em Romanos capítulo 12, versículos 19 a 21. O Senhor é vingador e irado.

Não devemos fazer justiça com as próprias mãos. Devemos deixar isso com Deus. Mas aqui vem a referência a Êxodo 34.

O Senhor é lento em irar-se e grande em poder e é por isso que Deus poupou os ninivitas. É por isso que Deus cedeu durante os dias de Jonas. É por isso que Deus lhes deu 150 anos para, de alguma forma, agirem juntos.

Mas o Senhor de forma alguma inocentará o culpado. E então, como resultado disso, à luz do pecado deles, à luz do fato de que ele não pode inocentar os culpados, Deus está prestes a marchar sobre eles como um guerreiro. Esta conexão com Êxodo 34.6 e 7 também é parte da razão pela qual temos o livro de Naum seguindo o livro de Miquéias no Livro dos 12.

Quando voltarmos ao final do livro de Miquéias, Deus restaurará Israel mesmo que não tenha havido pessoas que tenham praticado a justiça. Mesmo que eles não tenham feito as coisas que Deus lhes ordenou, Deus finalmente os perdoará. E a razão para isso é que Deus tratará o seu povo com base em Êxodo 34:6. Miquéias diz: Quem é Deus como tu, que perdoa a iniquidade e deixa passar a transgressão pelo restante de sua herança? Ele não retém sua raiva para sempre porque se deleita no amor inabalável.

Ele novamente terá compaixão de nós. Ele pisará em nossas iniquidades. Ele lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar.

Você mostrará sua fidelidade à aliança com Jacó e seu hesed a Abraão, como jurou a nossos pais desde os tempos antigos. Então, na ligação do livro de Miquéias e do livro de Naum, temos aqui um contraste. Temos Deus perdoando e restaurando o povo de Israel e realmente travando guerra contra seus pecados, despedaçando-os sob seus pés, lançando-os nas profundezas do mar.

Deus vai agir para restaurar seu povo. Porém, no livro de Naum, temos o oposto. Temos Deus como um Deus vingativo e irado executando sua justiça porque os ninivitas tiveram a chance de se arrepender e aproveitaram a graça de Deus.

Como resultado disso, agora Deus também declarará guerra. Ele voltará como um guerreiro e destruirá os assírios e lutará contra eles. Portanto, Êxodo 34.6 e 7 é importante para a mensagem de Naum.

Quero que pensemos sobre a base última e as razões do julgamento de Deus contra os ninivitas. Julie Woods, num artigo no Themelios Journal, fala sobre os pecados específicos de Nínive listados neste livro. No capítulo 1, versículos 9 e 11, eles são culpados de conspirar contra Deus.

No capítulo 1, versículo 14, eles são culpados de idolatria. O julgamento que o Senhor trará contra Nínive será, em última análise, um julgamento contra os seus ídolos. O versículo 14 diz que o Senhor deu um mandamento a seu respeito.

Não mais o seu nome será perpetuado. Da casa dos seus deuses cortarei a imagem esculpida e a imagem de metal. Então, quando Deus destruir e julgar os assírios, ele também julgará seus falsos deuses.

O Senhor também diz nesse versículo: Farei a sua sepultura para você, pois você é um povo vil. Então, o terceiro pecado, eles cometeram uma violência vil. Eles cometeram atos vis que são uma abominação para Deus.

Capítulo 3, versículo 1, eles são uma cidade sangrenta. Portanto, o Senhor os julgará pelo derramamento de sangue, pelo saque e pela violência que cometeram contra as nações. Quando vemos aquela referência a Nínive como um lugar de derramamento de sangue no capítulo 3, versículo 1, novamente, isso nos lembra que a base e o fundamento do julgamento de Deus sobre as nações é a violação da aliança de Noé.

Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado. A aliança de Noé atribuiu à humanidade a responsabilidade de conter a violência e o derramamento de sangue. O problema é que impérios e exércitos como os babilônios e os assírios perpetuaram esse derramamento de sangue.

Isaías 24, versículos 1 a 5, o Senhor julgará a terra porque eles violaram a aliança eterna. Eles não mantiveram seus estatutos. Então, nesse mesmo contexto, em Isaías 26 versículo 21, o Senhor finalmente, a terra revelará o sangue que está nela.

Deus não pode simplesmente desculpar isso. O sangue clama por justiça. Ele é um Deus santo e justo que, em última análise, deve consertar essas coisas.

Acompanhando isso, eles escravizaram outras nações. Capítulo 3, versículo 4, eles cometeram presunção e arrogância. Capítulo 3, versículo 8, eles cometeram crueldade incessante.

Capítulo 3, versículo 19. É interessante que os únicos dois livros no cânon hebraico que terminam com uma pergunta retórica, novamente, outro paralelo entre Jonas e Naum, sejam esses dois livros. No livro de Jonas, a questão retórica é: Deus não deveria mostrar compaixão por essas pessoas e preocupar-se com 120.000 pessoas? Contudo, a questão retórica em 3.19 leva-nos numa direção diferente.

A Assíria e os ninivitas não deveriam ser punidos pelo mal incessante que cometeram? E a resposta para isso é sim. Deus não pode permitir que isso fique sem resposta. Agora, uma das coisas que vemos nos discursos de julgamento contra as nações, e novamente, estes são encontrados em todos os profetas, destacados especialmente em Naum e Obadias no livro dos 12, é que uma das coisas que Deus está vai julgar, não é principalmente, não é apenas a violência deles.

Não são apenas seus falsos deuses. A causa subjacente de tudo isto é, em última análise, a arrogância e o orgulho da humanidade enquanto agitam o punho na face de Deus. Penso que, teologicamente, podemos remontar ao livro de Gênesis e à rebelião da humanidade contra Deus em Gênesis 1-11.

Qual é o pecado recorrente que é cometido ali? É o desejo de ser como Deus. Em última análise, é por isso que Adão e Eva comem a fruta. Eles querem ser como Deus e criar suas próprias regras.

No capítulo 4 de Gênesis, Caim quer ser como Deus e decidir como e por que receberá a bênção de Deus e também tomar a decisão semelhante a Deus: este é quem vive, e este é quem morre. Lameque, Gênesis capítulo 4, estabelece suas próprias regras sobre o casamento e se torna o primeiro polígamo. Gênesis capítulo 6, os filhos de Deus se tornam as filhas dos homens, e esses homens poderosos ostentam as regras de Deus sobre o casamento e a sexualidade e tentam estabelecer, em certo sentido, uma raça rival que se opõe a Deus.

Gênesis capítulo 10, Nimrod, este poderoso caçador diante do Senhor, um protótipo dos reis assírios posteriores que, através da violência, construirão um império

baseado na Mesopotâmia. A Torre de Babel, construindo uma torre que desafiava a Deus, estabeleceu um sistema religioso alternativo. Assim, em Gênesis 1-11, temos a humanidade e a rebelião contra Deus, estabelecendo um reino de homem, sacudindo o punho na face de Deus e querendo ser como Deus.

Os assírios são o epítome desse tipo de arrogância e orgulho. E Isaías também fala sobre isso quando fala sobre o julgamento de Deus sobre as nações e o orgulho que é a base subjacente disso. Quando o julgamento final recai sobre a raça humana, Isaías diz isto : entre nas rochas e esconda-se no pó.

Os olhares altivos dos homens serão abatidos, e o orgulho altivo dos homens será humilhado, e somente o Senhor será exaltado naquele dia. Porque o Senhor dos Exércitos tem um dia contra todo o soberbo e altivo, contra todo o que se exalta, e será abatido. E assim, a humanidade se exaltou contra Deus.

Na verdade, a mesma terminologia que é usada em Isaías 6 para falar, vi o Senhor sentado em seu trono alto e exaltado, ele é, em última análise, aquele que é exaltado. Essa é a mesma terminologia usada para descrever a humanidade aqui em seu orgulho na tentativa de se exaltar contra Deus. E assim o profeta Isaías, quando fala sobre o julgamento das nações, ele se concentrará especificamente no orgulho delas.

Capítulo 13, versículo 11, porei fim à pompa dos arrogantes e abaterei, ou abaterei o orgulho pomposo dos implacáveis. O versículo 19, Babilônia, e eles também são um epítome desse tipo de orgulho humano. Babilônia, a glória dos reinos e o esplendor da pompa dos caldeus, eles se tornarão como Sodoma e Gomorra quando eu os derrubar.

O arrogante rei da Babilônia, que pensa que se elevará acima das estrelas de Deus, expressa seu orgulho. Ele diz que subirei acima das alturas das nuvens. Eu me tornarei como o Altíssimo .

E no capítulo 14, nós o vemos em julgamento descendo ao Sheol e caindo do céu como a estrela da manhã no início da aurora. Capítulo 13, versículos 6 e 7, não foram apenas as grandes nações que fizeram isso. Até mesmo as pessoas ao redor de Israel e Judá, as nações menores e até os próprios israelitas fazem parte disso.

Todas as mãos ficarão fracas. Todo coração humano se derreterá porque Deus acabará por derrubar o orgulho e a arrogância da humanidade. Poderíamos examinar e rastrear isso ao longo de todo o livro de Isaías.

Quando Isaías fala sobre como Deus finalmente libertou a cidade de Jerusalém dos assírios, a razão para isso é a arrogância e o orgulho do rei assírio. Isaías capítulo 10,

A Assíria é o passeio da ira de Deus e Deus o está usando para trazer julgamento contra o povo de Israel. Mas o rei da Assíria não percebe isso.

Ele não atribui suas vitórias a Deus. Em última análise, ele deseja realizar seus próprios desejos malignos. Quando o comandante assírio estiver lembrando a Ezequias e ao povo de Jerusalém por que eles precisam se render, não pensem que seus deuses irão protegê-los.

Então, quando Ezequias expõe a carta do rei assírio diante de Deus, uma das coisas que ele aponta é que o rei assírio agiu com arrogância contra Deus e acredita que seu poder é maior que o de Deus. Como resultado disso, ele será finalmente julgado. Então isso é parte da mensagem subjacente do motivo pelo qual Deus trará julgamento contra os assírios.

Agora deixe-me falar um pouco sobre o contexto histórico e o cenário histórico do livro de Naum. Podemos estabelecer um cronograma bastante preciso para quando o livro de Naum e as mensagens de Naum foram entregues. Sabemos que o livro de Naum foi escrito algum tempo depois da queda da cidade egípcia de Tebas, no capítulo 3, versículos 8 e 10.

Como Naum vai fazer referência a esta cidade, foram os próprios assírios que capturaram e conquistaram Tebas. O que Naum vai dizer é o mesmo que você disse a Tebas, a cidade que os egípcios consideravam inexpugnável e inviolável ao ataque inimigo; a mesma coisa que você fez com eles acabará acontecendo com você. Assim, sabemos que o livro foi escrito ou as mensagens de Naum foram entregues depois de 663 AC.

Sabemos que estas mensagens foram entregues antes de 612 AC porque é nessa altura que o exército babilônico, os babilônios e os medos vão conquistar e derrubar a cidade de Nínive. Então, podemos imaginar Naum pregando essas mensagens por volta do ano 620 AC. E então, usaremos isso como uma espécie de data redonda para isso.

Agora vamos voltar e lembrar as relações que a Assíria teve com Israel e Judá até este ponto. Tiglath-Pileser estabelece o Império Neo-Assírio em 745. A Assíria torna-se a potência dominante no antigo Oriente Próximo.

Em 722, o Reino do Norte cai na capital Samaria. Eles se tornam uma província assíria. Em 705 a 701 AC, Ezequias rebelou-se contra os assírios.

Senaqueribe invadiu a terra, capturou 46 cidades de Judá e teria capturado e destruído a cidade de Jerusalém se Deus não tivesse derrotado seu exército. No entanto, 701 não marcou o fim do domínio da Assíria sobre a nação de Judá. O

exército assírio, o império assírio, o rei assírio revive e eles vão controlar e o seu império vai dominar Judá ao longo do século VII até o momento em que eles caírem.

A Assíria durante esta época teve dois reis muito poderosos. Esarhaddon vai reinar do ano 681 a 669 e depois Assurbanipal de 669 a 627 AC. Portanto, eles continuarão mesmo depois de 701, e mesmo depois de Senaqueribe perder o seu exército, continuarão a ser a potência dominante no antigo Oriente Próximo.

Assurbanipal vai travar uma batalha contínua com os egípcios. Sabemos também que durante o reinado de Esarhaddon, Manassés, o rei mais perverso e perverso que Judá já teve, os assírios vieram a Jerusalém. Eles o algemam.

2 Crônicas capítulo 33, versículos 11 ao 13. Eles vão levá-lo de volta como prisioneiro, mas Manassés se volta para o Senhor, e apesar de ele ter sido esse rei terrível, perverso, terrível, Deus permite que ele permanecer no trono. Mas a Assíria continuou a dominar Judá durante todo esse tempo.

Agora, em 640 AC, Josias subiu ao trono e este é o momento em que o império assírio começa a entrar em declínio. Estamos meio que nos últimos dias. Todo império tem seu dia e, finalmente, cai e desmorona.

Assim, nos dias de Josias, os babilônios se tornarão uma potência com a qual a Assíria terá de contar. Ao analisar isso, Josias vê a ascensão do império babilônico como algo positivo. Ele espera que o declínio dos assírios lhe permita restabelecer a independência de Judá.

Além disso, penso que o seu desejo é recuperar o território que foi perdido no norte e depois levar as suas reformas religiosas ao antigo reino do norte de Israel. E então, Josias está olhando para isso. Ele vê o declínio da Assíria e a ascensão da Babilônia como algo positivo.

No final das contas, Josias foi morto em batalha em 609 aC porque interveio em tudo isso e tentou impedir que os egípcios marchassem para ajudar os assírios em seu conflito com os babilônios. Deus o advertiu para não se envolver nisso. Os profetas vão alertar os reis e, ei, você não deve buscar soluções políticas.

Josias, apesar das grandes coisas que fez, acaba cometendo um erro aqui. Ele é morto em batalha pelos egípcios enquanto eles marchavam para ajudar os assírios em 609 AC. Ele foi morto em Megido.

Os assírios têm uma perspectiva diferente sobre isso da de Josias. Eles acreditam que ajudar os assírios e apoiar os assírios evitaria que os babilônios os invadissem. Mas, em última análise, o julgamento de que Naum está falando, e Deus saindo como um

guerreiro, essas coisas serão executadas pelos babilônios e por seu rei e seu líder Nabopolassar.

A Babilônia foi um espinho no sapato da Assíria durante a época do Império Neo-Assírio. E assim, os assírios foram historicamente a grande potência no norte da Mesopotâmia. A Babilônia estava no centro do grande reino e império na parte sul da Mesopotâmia.

E assim, mesmo durante os dias de Ezequias, lá no século VIII, a Babilônia e o seu governante, Merodach -Baladan, procuravam uma forma de se libertarem do controle assírio. E em Isaías capítulo 39, temos uma passagem onde vêm enviados e delegados da Babilônia. Ezequias mostra-lhes os tesouros do reino e Isaías o condena por isso.

Parece que enquanto Ezequias tenta entender o que está acontecendo nesta crise assíria, ele está tentando demonstrar aos babilônios que ele é um parceiro digno da aliança. Em última análise, Merodaque-Baladã não foi capaz de restabelecer total ou completamente a independência da Babilônia. Mas nos anos 627 e 626 AC, é exactamente isso que Nabopolassar será capaz de fazer.

Os assírios tinham um governador nomeado que usavam para governar Babilônia e manter o controle ali. Mas em 626, Kandalanu , o governador da Babilônia nomeado pelos assírios, morrerá. Como resultado disso, haverá este usurpador caldeu, Nabopolassar.

Ele vai afirmar a independência da Babilônia. Ele vai expulsar os assírios da Babilônia. Agora, este será o início do império babilônico, o reino neobabilônico.

Em última análise, o império neobabilônico substituirá a Assíria e tornar-se-á o valentão do bloco com o qual Judá terá de lidar. Tornar-se-á o instrumento do julgamento de Deus contra Judá, da mesma forma que a Assíria o foi. Assim, Nabopolassar estabelece a independência da Babilônia em 626 AC.

Então, mais um acto de estratégia militar brilhante irá formar uma aliança e uma coligação com os medos. À medida que a aliança dos babilônios e dos medos marcha contra os assírios, eles serão poderosos demais para serem controlados pelos assírios. Em 614 eles vão capturar a cidade de Ashur.

Em 612, eles vão capturar e destruir a cidade de Nínive. Então, eles vão derrubar isso. Esse é o cumprimento das profecias de Naum.

Em 609, o que restou do exército assírio foi derrotado em Harã. Este foi essencialmente o fim do império assírio. Alguns anos depois, em 605 aC, o filho de

Nabopolassar, Nabucodonosor, lideraria os babilônios na vitória sobre os egípcios na Síria, em um lugar chamado Carquemis.

Como resultado disto, isto estabelecerá a Babilônia como a potência dominante no antigo Oriente Próximo. Ele marchou após aquela vitória e levou embora o primeiro grupo de exilados, e este será o início do exílio babilônico e como Deus usará a Babilônia para punir Judá por sua infidelidade à aliança. Tudo isso, poderíamos entender.

Podemos entendê-lo politicamente. Podemos entendê-lo militarmente. Podemos compreender, bem, que isto é apenas parte do fluxo e refluxo da forma como os impérios sobem e descem.

Mas a Bíblia nos dá uma perspectiva bíblica sobre isso. Tal como a apostasia de Israel foi o catalisador do imperialismo assírio, foram a arrogância, a violência e as atrocidades dos assírios que, em parte, se tornaram o catalisador da ascensão da Babilônia ao poder. A arqueologia e a história confirmam-nos que a profecia que Naum faz aqui sobre a destruição de Nínive foi cumprida.

As Crônicas Babilônicas deste período dizem que a cidade foi tomada e uma grande derrota. Ele, o rei da Babilônia, infligiu a toda a população. Muitos prisioneiros foram levados.

A cidade se transformou em colinas em ruínas e montes de escombros. Então, exatamente o que a Assíria fez a outras pessoas e a outras nações, a violência caiu sobre suas cabeças. Cerca de 200 anos depois, um soldado grego passa pela área e só ouve o nome Mespila como sendo usado como nome para esta área.

Tudo o que resta são os subúrbios externos. A própria cidade foi destruída. A palavra de Deus é finalmente cumprida e a palavra de Deus é cumprida.

Agora, ao olharmos para o livro de Naum, ele está dividido em sete discursos e sete oráculos onde Deus realiza o julgamento dos assírios. O primeiro oráculo do capítulo um, Yahweh é um guerreiro que sai para derrotar e atacar seus inimigos. O versículo cinco diz o seguinte: os montes tremem diante dele, os outeiros derretem, a terra treme diante dele, o mundo e todos os que nele habitam.

Então, assim como no livro de Miquéias, quando Deus sai como guerreiro, a terra derrete e treme na presença de Deus, e ele sai para atacar Samaria e Jerusalém, ele fará a mesma coisa com os assírios. O segundo discurso é o julgamento dos inimigos de Deus, o julgamento dos assírios, e esse será a base da libertação do seu povo. Deus não está simplesmente executando esse julgamento para infligir mais violência a uma situação ruim.



Deus está usando essa violência para realizar um bem maior. O bem maior é que Deus usará a derrota dos assírios para libertar o seu povo. Portanto, Deus pode usar soberanamente as nações da terra.

Deus pode usá-los para cumprir seus propósitos, mas, em última análise, é para realizar o bem de libertar o povo de Jerusalém. Uma das coisas que você percebe ao ler os dois primeiros oráculos aqui é que as palavras de Naum vão e voltam entre julgamento e salvação, julgamento e salvação, porque o objetivo final aqui é Deus salvar seu povo. No capítulo dois, versículos um a dez, o que temos aqui é uma visão profética muito criativa e imaginativa da invasão da cidade da Assíria.

Então, podemos imaginar que este exército inimigo rompe as muralhas e ataca a cidade. Aqui está a imagem dada no versículo quatro: as carruagens correm loucamente pelas ruas. Eles correm de um lado para o outro pelas praças.

Eles brilham como tochas. Eles disparam como um raio. Então, você pode imaginá-los correndo e infligindo essa destruição à cidade.

O versículo seis diz isto: as portas do rio estão abertas e o palácio derrete. Senaqueribe construiu vários canais e reservatórios contra a cidade. O rio Cusa atravessava a cidade, mas ao norte havia barragens, canais e um reservatório.

O que os assírios poderiam fazer é abrir os diques ou as represas, eles poderiam controlar o fluxo da água. Bem, quando o exército inimigo atacar a cidade, eles irão inundar a cidade. Eles vão permitir que o reservatório inunde a cidade.

E é isso que temos no versículo seis. Os portões do rio estão abertos, o palácio derrete e a cidade é inundada pela enchente de água, além do exército. O versículo oito diz: Nínive é como um tanque cujas águas correm.

E assim, da mesma forma que as águas de um tanque correm e escorrem, os exércitos, o povo de Nínive, tentam fugir da cidade. Os comandantes que lideram a defesa e a proteção da cidade dizem isso, parem, parem, gritam, mas ninguém volta atrás. Saqueie a prata, saqueie o ouro; não há fim para o tesouro da riqueza de todas as coisas preciosas, e a cidade de Nínive será destruída.

Mais uma vez, a mesma coisa que fizeram a outras nações acabará por ser feita a elas. No quarto oráculo, que realmente está no centro do livro de Naum, Nínive é comparada a um leão caído. A cidade de Nínive é como uma cova de leões.

O rei da Assíria e os seus exércitos têm sido como um grande leão que saiu. Eles destruíram suas presas. Mas a cova dos leões será destruída e este grande leão ficará ali como um cadáver.

Há uma inversão total da grandeza do passado com os horrores do presente. No capítulo 3, versículos 1 a 7, há um oráculo de ai onde o profeta profetiza novamente a destruição total que virá sobre Nínive. Diz isso, capítulo 3, versículo 3, cavaleiros atacando com espadas reluzentes e lanças reluzentes, hostes de mortos, montes de cadáveres, cadáveres sem fim.

Eles tropeçam nos cadáveres que estão ali presentes. Quando penso nos cadáveres e nos cadáveres empilhados, novamente penso no que os assírios fizeram com outras cidades. Agora, isso está acontecendo com a própria Nínive.

Assurnasirpal diz o seguinte: Capturei muitos soldados vivos, uma das cidades que ele conquistou. O resto deles eu queimei. Recebi deles valiosos tributos.

Construí uma pilha de homens e cabeças vivos diante do portão. Ergui em estacas 700 soldados diante dos portões. Eu levantei, destruí e transformei em colinas em ruínas, a cidade.

Eu queimei seus meninos e meninas adolescentes. Agora a mesma coisa está acontecendo em Nínive. Nínive é comparada nesta passagem a uma prostituta.

Ela seduziu e atraiu as outras nações através de sua riqueza e poder para uma aliança ou relacionamento com elas. Então ela usou esse engodo para saquear essas nações e destruí-las. Deus a desnudará e a responsabilizará por esses pecados.

No capítulo 3, versículos 8 a 13, o sexto oráculo contra Nínive a compara à cidade de Tebas, no Egito. Novamente, esta foi uma cidade que os próprios assírios capturaram. Era uma cidade inexpugnável, inviolável e segura.

Estava numa posição muito segura numa curva do rio Nilo. Ali foram construídas muralhas que realmente protegiam a cidade contra ataques inimigos. Mas, em última análise, isso não impediu que os assírios a capturassem.

Então, o mesmo que fizeram com Tebas vai acontecer agora com a cidade de Nínive. Eles pensaram que era invulnerável. Não seria.

Finalmente, no último oráculo, temos um lamento pela queda de Nínive e pelo colapso e destruição da cidade. Uma das coisas que acho interessante são todas as metáforas que se amontoam e se sobrepõem enquanto esta passagem final fala sobre a destruição da cidade. No capítulo 3 versículo 13, as mulheres que protegem a cidade, tornaram-se como mulheres.

Eles estão com medo e com medo do que está para acontecer. Os muros e as fortalezas, a própria cidade de Nínive no versículo 12 tornou-se como figueiras. Seus

frutos estão maduros para serem colhidos e eles serão sacudidos e cairão simples e facilmente na boca dos babilônios quando sacudirem a árvore.

Capítulo 3, versículo 11, seus guerreiros são como homens bêbados e vão cambalear sob a destruição devastadora que experimentarão. Versículo 15, o fogo te devorará, a espada te cortará. Ele os devorará como gafanhotos e seus inimigos se multiplicarão como gafanhotos.

As mesmas imagens usadas no livro de Amós, fogo, gafanhotos e leões, são as mesmas imagens usadas agora em Naum para falar sobre a destruição que sobreviria aos ninivitas. Também usa esta imagem de um gafanhoto de uma maneira diferente porque vai dizer no versículo 16 que você aumentou mais os seus comerciantes do que as estrelas dos céus. Agora, apesar de seus mercadores terem se tornado tão numerosos quanto as estrelas do céu, eles serão como gafanhotos.

Eles vão abrir as asas e voar para longe. Portanto, o inimigo será como gafanhotos na forma como consomem e destroem. As muitas pessoas, comerciantes e guerreiros que estão em Nínive serão como gafanhotos que sobem ao topo das muralhas e voam para longe.

Tudo isso é retratado em sete discursos diferentes com um poderoso número de imagens, o julgamento que Deus trará sobre os assírios. Embora tenhamos que lutar contra a violência encontrada neste livro, embora tenhamos que lutar com o mistério do fato de que Deus usa nações malignas e exércitos perversos e sua violência para cumprir seu propósito, somos finalmente lembrados neste passagem da justiça de Deus e que a justiça de Deus virá e que Deus responsabiliza as nações por suas violações da aliança de Noé. Esta não é apenas uma lição de história.

Em última análise, isto é um lembrete de que o que aconteceu ou aconteceu à Assíria e o que aconteceu à cidade de Nínive é, em última análise, o julgamento que será trazido sobre todos os inimigos de Deus e todos os impérios e nações ao longo da história. Há uma advertência nesta passagem, bem como uma lição de história e um lembrete para nós da santidade e da justiça de Deus. Em última análise, Deus traria esse julgamento para salvar seu povo.

E assim, no meio desta violência e deste derramamento de sangue, há também a mensagem esperançosa e reconfortante: Deus resgatará, Deus libertará o seu povo. E o que se seguirá a este terrível tempo de julgamento e violência é a salvação, a libertação do seu povo e a paz do reino de Deus. Há julgamento e salvação na mensagem de Naum, assim como vemos na mensagem dos outros profetas.

Examinaremos mais detalhadamente algumas das implicações do livro de Naum e conectaremos isso ao livro de Obadias em nosso próximo vídeo, enquanto continuamos a falar sobre a ira de Deus e o julgamento de Deus contra as nações e

seus inimigos.

Este é o Dr. Gary Yates em sua série de palestras sobre o Livro dos 12. Esta é a palestra 22, Miquéias 6:8 e Naum.